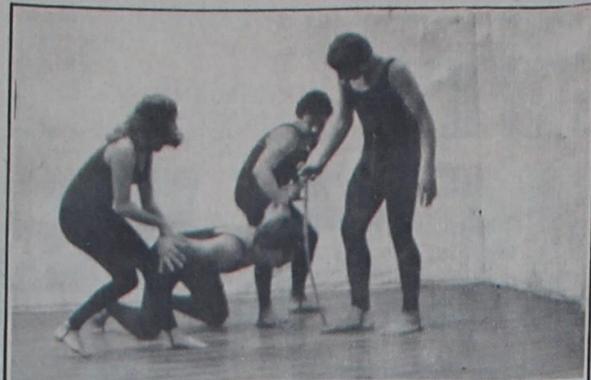


A estréia de uma peça infantil, às 16 horas



Elizete, Alberto, Hudson e Nelclmar em O Urubu que Cantava

URUBU QUE CANTAVA (hoje e amanhã, às 16 horas, no Teatro Carlos Gomes) — Peça infantil de Bob de Paula. Montagem dos grupos Mutirão e da Barra. Direção de Bob de Paula. Produção: Marinelya Venturim de Paula, Vestuário: Bob e Marinelya. Iluminação e somplastia: equipe do teatro. Patrocínio do SNT e do DEC.

Elenco: Bob de Paula (apresentador), Alberto Bittencourt (Presépio), Aurea Bittencourt (Flarubu, Urubulina, Urubu 1), Elizete Possati (dona Linguona, Urubu 2), Daisy Mara (dona Bateboca e conselheiro), Nelclmar Ribondi (Urubu-rei), Hudson Castelo Bonfim (Macaco), Denise Jeveaux (Garça), Antonio Decettignies

(Urubulino) e Fabricio Rubiale (Urubulino-Bebê).

"A presente montagem — afirma Bob de Paula — pretende acima de qualquer propósito divertir e alegrar o público infantil. Pretende também prestar uma homenagem e brincar um pouco com este tão conhecido (e às vezes esquecido) personagem dos céus brasileiros. Os números de música e dança não constam do texto original da peça, mas foram criados e desenvolvidos no decorrer dos ensaios. A montagem foi feita a partir da realidade teatral capixaba, isto é,

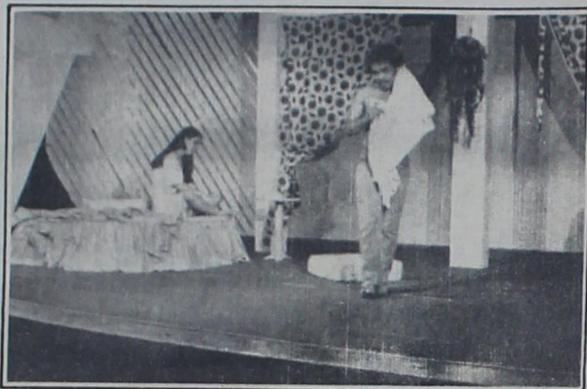
considerando a falta de espaços teatrais com a mínima condição técnica necessária. Portanto, dispensa recursos técnicos de maior complexidade".

Na história da peça, um urubu nasce com uma pena branca e por isso se julga melhor que os outros e é até capaz de cantar. Ele convoca o povo e decide ser escolhido o rei dos urubus. O autor se baseou numa lenda capixaba.

Tinoco dos Anjos

Um drama no Teatro-Estúdio

QUANDO BRAMA O CORAÇÃO (hoje, às 19 e 21 horas, no Teatro-Estúdio, 10º andar do edifício das Fundações, ao lado da Assembléia Legislativa, Cidade Alta) — Peça de Po Cardoso. Montagem da Universal Difusão de Cultura. Direção do autor. Figurinos de Vera Verras e cenários de Po Cardoso e Emmer Gozze. Elenco: Vera Verras, Emmer Gozze, Cledmar Carney e Po Cardoso.



Quando Brama o Coração fica até amanhã em cartaz

A peça marca a estréia do autor Po Cardoso (pseudônimo de Jair Fonseca) e de seu grupo, um dos primeiros a se filiar à Federação Capixaba de Teatro Amador. A história da peça narra uma aventura policial. Três estudantes, Alex, Mara e Tony, decidem assaltar um banco, "com um envolvimento emocional entre os três". Segundo o autor, a peça desenvolve-se num clima de crescente suspense e emoção, cenas que prendem a atenção do espectador. E, paralelamente, desenvolve-se "o drama amoroso" de Tony e Mara. "Entre os dois parece existir um misto de amor, amizade, proteção; Mara é para Tony, ao mesmo tempo, a mãe e a primeira namorada". Para

completar o triângulo, surge Alex, "que para Tony representa o irmão mais velho, o ídolo, o exemplo. Alex se aproveita para montar seu plano de assalto, pois sua única preocupação é enriquecer". O autor diz que "todos esses sentimentos contraditórios vão entrando em conflito à medida em que o plano de assalto se desenvolve". E acrescenta: "No fundo, o texto é um comentário sobre toda uma geração que se

encontra perdida no tempo, disposta a se agarrar na primeira luz de melhores dias que aparecer. E toda essa geração parece não ver para si uma saída e grande parte dela se apega ao primeiro Alex que aparece pela frente, porque o mundo está cheio de heróis e bandidos. A peça mostra justamente o que acontece quando se tem que escolher entre um e outro, mas não se conhece nada da vida".

Uma exposição em homenagem a Lima Barreto

Situada na avenida Atlântica, 4066, a Galeria de Arte Banerj está aberta ao público diariamente das 10 às 22 horas e, aos sábados, das 16 às 22. Ali, desde o último dia 13, expõe a obra de José da Paixão Silva à memória do escritor Afonso Henrique de Lima Barreto, pela data de seu primeiro centenário.

São cerca de 35 trabalhos em gravura e matrizes, desde o ano de 1971 até esta data e os processos apresentados por este gravador são: água-tinta e água-forte, relevo e água-tinta, maneira-negra, maneira-negra e relevo, rolo e água-tinta, ponta-seca, rolete e berau e leva temas com títulos como Vida Subúrbio nº 1, 2, 3, Dia de Dar o Nome, Canto para Oxum, Quitanda, etc.

José Paixão é um dos mais importantes artistas gravadores brasileiros e já teve



Lima Barreto homenageado pelo gravador José Paixão

participação em 44 exposições coletivas e em salões, tanto no Brasil quanto no estrangeiro. Sua primeira individual foi em 1976 e, para esta mostra, há uma entrevista-depoimento gravada pelo autor comentando seu significado social e técnico.

José Paixão é desenhista, gravador, e escultor, ativo no Rio de Janeiro mas nascido em Salvador, na Bahia. Foi aluno de Marília Rodrigues, Gilberto Mandarino e José Assunção Souza. Sobre sua obra existem textos de Onofre Pentecostado, Francisco Bittencourt, José Teixeira Leite, Rui Sampaio, Anna Letycia, Clarival do Prado Valadarez, Roberto Pontual e Frederico Moraes.

Entre prêmios e distinções, José Paixão foi agraciado no XIX Salão Fluminense de Belas Artes, LXXIII Salão Nacional de Belas Artes, Salão dos Artistas

Anônimos, Salão da Academia de Letras de Valença, II Salão de Artes Visuais do Rio Grande do Sul, XXIV Salão Nacional de Arte Moderna, III Salão de Artes Visuais do Rio Grande do Sul, III Salão Carioca e, no ano passado, na II Mostra Anual da Gravura. Dois fatos devem ser considerados nesta mostra-homenagem: em homenagem de um artista negro a um dos maiores vultos negros da literatura nacional e, em segundo, a presença de um banco de péso, com galeria especial para dar chances ao artista plástico, experiência para a qual que o Banestes poderia partir sem medo, promovendo exposições tanto aqui na capital quanto nas cidades do interior do Estado.

Alceu Valença: marcante e descontraído

CINCO SENTIDOS (hoje e amanhã, às 21 horas, no Teatro Carlos Gomes. Preço do ingresso: Cr\$ 350,00) — Show de Alceu Valença. Com Miguel Cidras (arranjos de corda), Helvius Vilela (pífano), Edu (flauta), Paulo Rafael (violão e guitarras), Sérgio Mello (percussão), Mu (piano), Sant'Anna (contrabaixo), Elson Meirelles (bateria) e Severo (sanfona).

No repertório do show, além de novas músicas, estão **Quando eu Olho Para o Mar, Fé na Perua, Guerreiro, Cinco Sentidos, Agarrado, Papagaio do Futuro, Borboleta, Porto da Saudade, Coração Bobo e Na Primeira Manhã.**

Depois de uma projeção de cinco minutos, que apresenta uma das músicas do seu novo disco, Alceu Valença surge no palco do Teatro Carlos Gomes vestido de branco, com o paletó enfeitado de medalhas ("Gostaram das minhas medalhas?" pergunta em tom irônico, enquanto a banda arranca de sua infinidade de instrumentos um som meio nordestino, meio rock and roll).

Ele apresenta as músicas de seu novo LP (escolheu Vitória pela segunda vez para os seus lançamentos), intitulado **Cinco Sentidos**, e confirma para seu público jovem e ávido de sua música que **Cinco Sentidos** "é uma síntese de um trabalho fundado em informações que tenho recebido pela boca, nariz, ouvidos, olhos e olfato". Junta a música nordestina à literatura de cordel e faz o auditório cantar.

Alceu Valença realinha nesse novo disco (que ainda não chegou a Vitória) que tem uma marca



Alceu Valença apresenta um grande espetáculo

própria, sempre fiel à cultura de sua terra, cantando com seu acentuado sotaque nordestino a música que corre o risco de ficar esquecida devido à força dos sons importados.

Faz um show descontraído e induz o público a desacatar certos rigores que a própria conformação física e as regras de comportamento no teatro impõem, como fumar e dançar entre as cadeiras. Um grande espetáculo.

Ruth Reis

Continental aproveita bem matrizes da obra de Caymmi

A Gravações Elétricas S.A., produtora dos selos Continental, Chantecler, Phonodisc está no firme propósito de intensificar cada vez mais o artista nacional, seja promovendo lançamento de valores até então sem oportunidade no mundo fonográfico, bem como retirando de seus arquivos velhas e valiosas matrizes, dando-lhes um tratamento adequado tecnicamente e colocando no mercado discos com boa receptividade.

Sua diretoria atual, Alberto Jackson Byington Neto (presidente), Hans Paul Beugger (diretor administrativo), Moacir Machado (diretor) e tendo a assessorá-los o experiente e sempre atento nos assuntos promocionais José Roberto Póvia, vem desenvolvendo, com muita disposição, o programa, a filosofia de destacar o artista brasileiro. E assim, encontramos no suplemento de abril, um relançamento de obras de Dorival Caymmi, na interpretação de nomes consagrados como Lúcio Alves, Jamelão, Eliseth Cardoso, Carlos José e na do próprio Caymmi.

Vale também lembrar que no passado a Continental lançou e promoveu, entre outros, Noel Rosa, Ciro Monteiro, Dalva de Oliveira, Orlando Silva, Elis Regina, Jorge. Um passado que data de 1929, sofrendo esse trabalho, no transcurso do tempo, intervalos insignificantes.

Neste álbum, **A Música de Caymmi**, estão registradas composições que fizeram do baiano um dos mais importantes autores brasileiro: **Só Louco** (Jamelão), **A Lenda do Abaeté** (Carlos José), **Nunca Mais** (Eliseth Cardoso), **E Doce Morrer no Mar** (Caymmi), **O Samba da Minha Terra** (Novos Baianos), **Sábado em Copacabana** (Lúcio Alves) e outros números com interpretações da Orquestra Tabajara, o conjunto de Osmar Milito, Os Três Moraes e os Anjos do Inferno.

900

ENCERRANTES: A gravadora paulista Estúdio Eldorado produziu e breve estará nas lojas, o segundo volume de **Raices de América**. O lan-



camento do disco coincidiu com a estréia do show **Raices II**, no Teatro Pixinguinha, em São Paulo, temporada que se estenderá até o dia 31 deste. O grupo é formado por músicos brasileiros, argentinos e chilenos, e defendeu no MPB-81 a canção **Cristalina**, na eliminatória do dia 8. xxx Wanderléa, que começou sua carreira na CBS, está de volta à gravadora, onde gravou LP, estando em fase dos retoques finais. No repertório, músicas de Roberto e Erasmo Carlos, Luís Gonzaga Júnior, entre outros e todos os arranjos a cargo de Lincoln Olivetti. xxx Já nas lojas o novo LP de João Nogueira, agora com justas homenagens a Wilson Batista, Geraldo Pereira e Noel Rosa, e por isso muita gente passará a dar mais atenção aos sambas feitos por esses três que têm justamente no homenageador o mais fiel seguidor. João, por exemplo, canta **Louco** (Pelas ruas ele andava), de Wilson; **De Babado**, de Noel; **Você Está Sumindo**, de Geraldo. xxx Paulo Gracindo assinou contrato com a Continental e já está preparando um disco, onde constarão diversos poemas. xxx Também da Continental, mais um LP do excelente Carlos Pita. xxx Outros lançamentos do Estúdio Eldorado para junho: **História da Flauta Brasileira**, **Menininha Lobo**, **Música de Angola**, **Tudo Isto é Fado**, **K-Ximbinho** e **Villa-Lobos**. xxx Quem disser que o bolero já era, está faltando com a verdade ou não tem ouvido os últimos discos de Joanna, Roberto Carlos, Maria Bethânia etc. etc. e no meio desses etcéteras, a Fernanda, que estreou em discos pela RGE. xxx Circulando, ainda por outras praças, o segundo LP de Francisco Mário, **Revolta dos Palhaços**, com versos assinados por Tárk de Souza, Aldir Blanc, Fernando Brandt, Guarneri, Paulo Emílio e Fernando Rios.

João Barbirato

artigo

A chance do nosso cinema nos EUA

James Caan está nas telas de Nova Iorque com um filme até interessante. **Thief** é quase igual aos outros filmes que defendem bandidos, tornando-os simpáticos. Mas desta vez há todo um **background** emocional sustentando o filme. **Thief** (no Brasil vai se chamar, provavelmente, **Ruas Violentas**), dirigido por Michael Mann será exibido em Cannes na próxima semana, representando os Estados Unidos. Não se deve esquecer que os franceses gostam muito do cinema policial dos Estados Unidos.

Caan está vindo de um fracasso. Durante dois anos ele dirigiu o filme **Hide in Plain Sight** (no Brasil: **Justiça pelas Próprias Mãos**). Nesse período, ele brigou com a United ("Os caras colocaram músicas no meu filme e eu gritava: Estou fazendo cinema verité, então por que diabos a **Quinta Sinfonia** foi incluída? Meu filme não tem tubarão. Todo mundo em Hollywood quer fazer **Rocky 9**, **Aeroporto 96** ou **Tubarão 7**. Cansei do sistema). A atitude de Caan não é isolada. David Carradine (**Kung Fu**) está dirigindo **Americana** com a ajuda do cinema independente porque se cansou do cinema comercial. Ele quer ser diretor e "vou aprender fazendo". George Romero, sucesso de público e crítica só por lá lança a cada ano três filmes "marginais", sem a ajuda de Hollywood, como agora **Knight Rider** (seus dois anteriores, **Living Legend** rendeu mais de 11 milhões de dólares e **O Despertar dos Mortos**, continuação deste, chegou perto). Sean Cunningham enche salas com a parte dois de **Sexta-Feira 13** e outro **underground**, John Waters, lança o travesti **Divine** e Tab Hunter em **Polyester**, numa sátira à família americana.

A verdade é que Hollywood está num impasse. Greve de diretores, depois da de atores e roteiristas e os grandes projetos sendo substituídos por filmes que possam ser rodados ao ar livre (nas ruas de Nova Iorque estão sendo rodados 13 filmes. Apenas **Annie**, versão do musical que está há 4 anos na Broadway vai ter uma produção calculada em 35 milhões de dólares). Basicamente, os filmes lançados versam sobre terror e suspense (**The Hand**, é o melhor deles) ou aventuras relacionadas com heróis de histórias em quadrinhos (o último lançamento é **Loe Ranger**, no Brasil **Zorro**, aquele do Tonto).

Esta é a vez, portanto, do cinema estrangeiro — para a indústria de Hollywood rodado de maneira amadorística, isto é, nas ruas — que faz sucesso com **A Cidade das Mulheres** e **A Gaiola das Loucas II**; O filme brasileiro **Bye Bye Brasil** já rendeu mais de 1 milhão de dólares, depois de um ano de exibição e agora percorre os cinemas dos subúrbios (está no Bronx, num cinema poeira, em programa duplo). **Gaijin**, **Joanna Francesa** e **Pixote** chegam às salas destinadas ao cinema estrangeiro, e que, portanto, possuem um ar de "s sofisticado" entre a intelectualidade, que despreza o cinema de Hollywood. Com a ajuda de imprensa — unanimidade contra da crítica representa o fracasso — esses três filmes poderão fazer carreira comercial e abrir mercado para outros. Exceto aqueles que versam sobre sexo. **Eu te Amo** não faria sucesso — os americanos conhecem de sobra os filmes pornôs e achariam **Eu te Amo** apenas engraçado. O tema e a seriedade da proposta desses outros três filmes agradam à imprensa americana e, conseqüentemente, ao público (ninguém vai ao cinema sem a indicação da imprensa. Até na TV tem crítica. Juvenil e pessoal, mas tem, em qualquer canal, durante o horário chamado nobre, ou seja, no meio do jornal das 20 horas).

O fato é um só: enquanto Hollywood se desgasta com a invasão do vídeo-tape (para evitar a pirataria, Hollywood está lançando o cassete no mesmo dia do lançamento de um filme). Todo mundo tem seu cassete em casa e a moda agora é vídeo-disco (mesmo preço e melhor, com agulha-raio-laser e sem as variações de imagem do vídeo-cassete. Todos os sucessos já estão à venda por 5 dólares, em qualquer loja de eletrodomésticos. O ingresso do cinema custa 5 dólares e a promoção de um filme (jornal, rádio, tv, **out-door**, cartazes) fica por menos de 1 milhão de dólares.

O cinema estrangeiro — incluindo o brasileiro — não tem dinheiro para isso, mas conta com a simpatia da imprensa, fatigada pelo comensalismo de sua própria terra. Mas, por falar nisso, será que o cinema brasileiro vai passar a tratar de assuntos sérios como **Gaijin**, **Pixote Francesa** para enfrentar Hollywood? com sexo não vai dar.